

CIRCULAÇÃO DE CONHECIMENTOS  
CIENTÍFICOS NO ATLÂNTICO.  
DE CABO VERDE PARA LISBOA: MEMÓRIAS  
ESCRITAS, SOLOS E MINERAIS,  
PLANTAS E ANIMAIS.  
OS ENVIOS CIENTÍFICOS DE JOÃO DA SILVA FEIJÓ

MARIA MANUEL FERRAZ TORRÃO\*

Encarar o Atlântico enquanto espaço revolucionário permite pensar esta região de forma diferente daquela que é usualmente considerada. Efectivamente, o conceito de “Atlântico Revolucionário” tem um sentido mais evidente se surgir como cenário onde se desenrolaram os acontecimentos políticos em torno da “Setembrizada” com todas as consequências que estes factos implicaram. No entanto, se para além desta concepção, mais de ordem político-social, se realçar a importância do Atlântico enquanto espaço de circulação de ideias e de informações, muitas delas fundamentais na modificação da erudição europeia da época, a expressão “revolucionário” assume, igualmente, uma relevância digna de registo no campo da evolução dos conhecimentos a nível da cultura material e da história das mentalidades.

É nesta perspectiva do Atlântico enquanto espaço de movimentação e difusão do saber que este estudo se pretende inserir<sup>1</sup>. Esta análise enquadra-se numa

---

\* Centro de História do Instituto de Investigação Científica Tropical.

<sup>1</sup> Este trabalho insere-se num projecto actualmente em curso no IICT, financiado pela FCT,

investigação mais vasta sobre a recuperação da informação procedente das explorações e missões científicas portuguesas empreendidas desde o século XVIII, evidenciando tanto os seus aspectos científicos e técnicos, bem como o modo como estes conhecimentos foram aplicados nos antigos territórios sob domínio colonial português e a forma como os seus resultados foram apreendidos e divulgados. Optou-se por centrar este trabalho na actividade científica do naturalista João da Silva Feijó nas ilhas de Cabo Verde, onde residiu 14 anos, desde 1783 até 1797. Importa, desde já, mencionar que não se trata de uma tarefa de investigação acabada; ao invés, é o início de um caminho que se prevê mais longo e complexo sobre as explorações científicas deste Naturalista, acompanhado por um levantamento exaustivo das suas cartas e dados informativos sobre os envios científicos, cujos registos escritos se encontram espalhados por diferentes arquivos.

No entanto, é sem dúvida um primeiro ponto de partida e uma eventual contribuição para a história de um “Atlântico Revolucionário”, dado que as memórias escritas, as remessas de solos, minerais, plantas e animais enviadas por João da Silva Feijó desde Cabo Verde até Lisboa, foram um primeiro contributo para uma ampliação do saber científico sobre a população, geografia, mineralogia, pedologia, botânica e zoologia desta região. Circulando pelo Atlântico, desde estas ilhas africanas até à Europa, estas informações contribuíram para modificar e conseqüentemente sistematizar e revolucionar o conhecimento existente sobre este arquipélago.

## 1. O ESPAÇO DE QUE SE FALA

O facto das ilhas de Cabo Verde terem sido uma região ocupada e colonizada por portugueses sem que aí houvesse, anteriormente, qualquer presença humana, condicionou a forma de evolução de múltiplas realidades que aí se vieram a manifestar<sup>2</sup>. Efectivamente, ao invés do que sucedeu em regiões como a Guiné,

---

no âmbito do domínio da História da Ciência, intitulado Conhecimento e Reconhecimento em espaços de influência Portuguesa: registos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e Insulíndia (FCT HC 00075/2009).

Este projecto, tendo como núcleo central de pesquisa as Missões Científicas Portuguesas dos séculos XVIII, XIX e XX empreendidas em Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Timor, bem como a identificação e a avaliação de um conjunto de informações prévias que desde o século XVI foram criando e consolidando os conhecimentos necessários à sua realização; pretende, igualmente, proceder ao resgate da informação histórica respeitante a recursos naturais, biodiversidade, saberes e práticas tradicionais, no sentido de demonstrar a importância e o contributo actual deste tipo de informação, designadamente ao nível da possibilidade da sua contribuição para minimizar ou solucionar problemas actuais.

<sup>2</sup> Uma das sínteses mais recente sobre história do arquipélago de Cabo Verde dos séculos

Angola, Moçambique e mesmo com o Brasil, que eram áreas geográficas já previamente habitadas à chegada dos europeus, nas ilhas de Cabo Verde como nas de São Tomé foram os portugueses que, ao mesmo tempo, que aí se estabeleceram, que promoveram riscar a entrada nas ilhas de africanos procedentes da costa da Guiné. Na ilha de Santiago, em Cabo Verde, criou-se o primeiro espaço de ocupação de europeus nos Trópicos: a vila, e mais tarde, cidade da Ribeira Grande<sup>3</sup>.

Dado que esta colonização se processou através da ocupação das ilhas com homens vindos uns da Europa e outros de África, num espaço natural desconhecido para todos, a apropriação de conhecimentos relativamente à natureza desta região revelou-se um longo processo. Uns e outros estavam perante uma região geográfica, geológica, hidrográfica, botânica e zoológica totalmente nova, não havendo conhecimento experimentado ou previamente acumulado passível de ser adaptado de outras regiões a esta, sem que primeiro se procedesse a um conhecimento preliminar da realidade natural com que se estava a lidar. O solo, por exemplo, apresentava uma cobertura vegetal diversificada totalmente distinta da europeia e mesmo da existente na costa ocidental africana, daí que a sua utilização exacta fosse uma incógnita para os novos ocupantes das ilhas; da mesma forma, os usos e as propriedades das plantas endémicas eram, em muitos casos, desconhecidos dos europeus e africanos residentes em Santiago e no Fogo, assim como nem sempre foi um sucesso a introdução de espécies importadas de outras áreas do mundo.

Acresce a esta situação o facto de se tratar de uma sociedade assente numa estrutura marcadamente escravocrata o que dificultou, nos primeiros séculos de colonização, a troca de informações e de experiências entre brancos e negros, entre senhores e escravos. A atitude de superioridade pessoal e cultural dos primeiros face aos segundos e a desconfiança e ressentimento destes face ao grupo que os dominava política, económica e socialmente invalidou um fácil entrosamento de experiências.

A nível da saúde, uma das primeiras preocupações com que se depararam os povoadores portugueses que iniciaram o processo de ocupação das ilhas de

---

XV a XVIII é a *História Geral de Cabo Verde* (1991-2002) ( direcção ALBUQUERQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília Madeira Santos, I volume e SANTOS, Maria Emília Madeira Santos, II e III volumes) 3 vols. Lisboa, ICT, bem como o volume III, tomo 2, *Nova História da Expansão Portuguesa – A Colonização Atlântica*, (coord. de MATOS, A. Teodoro de), (2005), Lisboa, Editorial Estampa. No entanto, a obra de SENNA BARCELLOS, C.J. (1899-1905), *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, Partes I-VI, Lisboa, Academia Real das Ciências, embora antiga, é sempre de indispensável consulta.

<sup>3</sup> SANTOS, Maria Emília Madeira e CABRAL, Iva (2006), “O primeiro centro urbano colonial nos Trópicos Ribeira Grande (Cabo Verde), séculos XV-XVII”, *Anais de História de Além-Mar*, Lisboa, vol. VII, pp. 55-64.

Cabo Verde, nomeadamente a de Santiago, foi a de lutarem contra a chamada “doença da terra”<sup>4</sup>. Embora esta moléstia seja referida amiudadamente em vários documentos, logo desde o século XV e XVI, na maior parte das vezes, não eram especificadas de modo muito exacto nem científico as suas manifestações. Febres e indisposições, que atacavam sobretudo os ocupantes de origem europeia, são das poucas informações que se conseguem recolher nas fontes da época. Um medo imenso de contraírem esta enfermidade assaltava principalmente os Europeus, dado que, nos primeiros séculos de colonização das ilhas, as formas de cura utilizadas para tratar esta enfermidade pareciam nem existir e quem adoecia pouco mais fazia do que entregar-se nas “mãos da divina providência”. Contudo, com a evolução histórica desta sociedade insular, em que, por um lado, se foram necessariamente acumulando conhecimentos provenientes da vivência quotidiana nesta terra do Trópico de Câncer e, em que, por outro lado, se foi matizando, embora não desaparecendo totalmente, a clivagem social branco/negro e senhor/escravo, começou-se a recorrer com cada vez maior frequência à utilização de certas plantas locais para amenizar os estados mais graves da “doença da terra” e também como auxiliares na sua convalescença.

Efectivamente, nas últimas décadas do século XVII e ao longo dos séculos seguintes, existiu um esforço progressivo em conhecer cada vez melhor a natureza das ilhas. Além de se terem realizado diversas diligências para se encontrar eventuais riquezas que valorizassem as ilhas, houve nítidos esforços para diferenciar plantas medicinais que ajudassem a curar doenças. Este empenho foi, indiscutivelmente, reforçado por dois factores históricos.

Primeiro, uma condicionante de ordem local: o isolamento a que as ilhas de Cabo Verde foram sendo votadas, desde o final do século XVII e ao longo da centúria seguinte, devido ao afastamento progressivo de todas as rotas marítimo - comerciais do espaço geográfico insular fizeram com que as ilhas caíssem num marasmo económico difícil de suportar, o que impeliu os habitantes locais a procurarem móveis que pudessem atrair a este espaço a agitação mercantil dos séculos anteriores. A irregularidade das comunicações com a Europa era sentida no geral e também, logicamente, no campo da saúde; com efeito, nos tempos em que aportavam nas ilhas navios de vários portos da Europa e em que as ligações com o Reino eram muito regulares, a população de origem europeia aí residente podia ter um acesso relativamente fácil à medicação proveniente do chamado

---

<sup>4</sup> Sobre este tema veja-se o artigo de TORRÃO, Maria Manuel e SOARES, Maria João (2008) “Ervas e Curandeiras. Remédios e Boticários. Formas de Curar em Cabo Verde (sécs. XVIII-início do XIX)”, Actas do Workshop *Plantas Medicinais e Práticas Fitoterapêuticas nos Trópicos*, ed. ROQUE, Ana Cristina, HAVIK, Philip, TORRÃO, Maria Manuel, Lisboa, IICT, ISBN 978-972.672-982-2. Disponível também em <<http://www2.iict.pt/?idc=15&idi=14082>>.

“velho mundo”; contudo o abrandamento e, nalguns casos, o corte absoluto destas rotas marítimas, conduziu à necessidade imperiosa de tentar curar as doenças com o recurso a soluções locais, ou melhor dizendo, tirando partido da utilização de plantas medicinais e execução das respectivas mezinhas.

Segundo, uma condicionante de cariz mais geral: a importância crescente das doutrinas iluministas que se manifestavam por toda a Europa de então<sup>5</sup>. Também, em Portugal, no último terço do século XVIII, os reformismos pombalino e mariano, sob a influência de estrangeiros e estrangeirados, impulsionaram a renovação das ciências exactas e naturais em instituições como a Universidade de Coimbra, a Real Academia das Ciências de Lisboa e o Real Gabinete de História do Jardim Botânico da Ajuda. Sob a égide científica de naturalistas como Domenico Vandelli e Júlio Mattiazzi, entre outros, e o apoio político dos ministros da Marinha e dos Negócios Ultramarinos Martinho de Melo e Castro e D. Rodrigo de Sousa Coutinho nasceu um ambicioso projecto de descrição do mundo natural ultramarino, em que se combinava, não sem contradições, política e conhecimento, poder e saber, utilitarismo económico e ciência. O enriquecimento de colecções botânicas, zoológicas, geológicas, entre outras, o aumento de conhecimentos científicos, a tentativa de criar um “mundo inventariado e catalogado” eram ideias fundamentais na Europa de então e também no Portugal setecentista procurando-se estender esta ideologia a recolhas realizadas em todos os territórios sob a alçada da soberania da Coroa Portuguesa.

## 2. O HOMEM DE QUEM SE FALA

Foi precisamente nesta conjuntura que foi enviado para Cabo Verde o Naturalista João da Silva Feijó. Nascido no Rio de Janeiro, provavelmente no ano de 1760, o seu verdadeiro nome era João da Silva Barbosa<sup>6</sup>; veio do Brasil para Lisboa<sup>7</sup> com o intuito de ir estudar na Universidade de Coimbra, tendo cursado, primeiro Filosofia e depois, Matemática. Integrou a equipa, organizada por

---

<sup>5</sup> DOMINGUES, Ângela (2006) “Circulação de informação científica no Império em finais de Setecentos”, in *O Domínio da Distância* (coordenação de SANTOS, Maria Emília Madeira e LOBATO, Manuel), Lisboa, IICT, pp. 71-75.

<sup>6</sup> Pensa-se que João da Silva adoptou o sobrenome Feijó no final da década de 1770, em homenagem a Benito Jerónimo Feijoo, filósofo espanhol, muito prestigiado entre os estudiosos de ciências naturais. “A Ilustração em Portugal e no Brasil. Cientistas & Viajantes” <URL:[http://www.cedope.ufpr.br/joao\\_feijo.htm](http://www.cedope.ufpr.br/joao_feijo.htm)>.

<sup>7</sup> “No Brasil setecentista não se publicavam jornais, os livros estavam na maior parte proibidos, faltavam escolas e não havia universidade”. GUEDES, Maria Estela e ARRUDA, Luís (2000), “João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde”, in *As Ilhas e o Brasil*, Região Autónoma da Madeira, p. 509.

Domingos Vandelli, composta por seus ex-alunos da Universidade de Coimbra, para trabalharem em Lisboa na organização do acervo do Real Museu de História Natural da Ajuda. Este grupo veio a ser posteriormente desmembrado com um objectivo que se entendia como sendo de grande importância: o projecto de realização de viagens filosóficas, coordenado pelo referido Domingos Vandelli e Júlio Matiazzi e patrocinado pelo Ministro Martinho de Melo e Castro, que enviou para várias partes do Império estes mesmos Naturalistas.

João da Silva Feijó desembarcou na ilha de São Nicolau, em Cabo Verde, em Fevereiro de 1783, tendo sido acolhido pelo Bispo D. Frei Francisco de São Simão que o procurou integrar de imediato naquela terra, particularmente inóspita. Na embarcação que levava Feijó desde Lisboa até àquela ilha seguira também o futuro sargento-mor da ilha do Fogo com uma companhia de cães que haviam feito tantas perturbação a bordo e empestado o navio de detritos, que o cheiro procedente da embarcação era insuportável tendo o “Naturalista chegado algum tanto desfalecido”<sup>8</sup>. Logo na travessia marítima de São Nicolau para as ilhas do Sotavento, pôde João da Silva Feijó observar algumas espécies marítimas que lhe pareceram particularmente interessantes, mas sem proceder a qualquer registo das mesmas<sup>9</sup>. Somente em 21 de Maio, após o impacto inicial de adaptação à região, principiou, na ilha Brava, as funções de que fora incumbido e que se prendiam com a recolha de todo o tipo de espécies naturais<sup>10</sup>; aqui deparou-se logo com as primeiras dificuldades logísticas, por falta de materiais adequados para cumprir os objectivos propostos, escrevendo o seguinte a Martinho de Mello e Castro, em 24 de Maio de 1783: “Aviso a V.Ex<sup>a</sup>. de que não tenho mais que hum athe 2 arrateis de polvora, que sem duvida não me chegaram pera fazer as remessas dos Passaros que houverem, nem tam pouco hua gota de Agoardente pera a conservação dos Animaes, pois V.Ex<sup>a</sup> bem sabe que 2 ou 3 canadas que trouxe he impossivel que haja de chegar; tenho falado sobre isto a o Exmo Senhor Bispo e diz que não sabe onde hade hir buscala pois he bem serto, Exmo Senhor, que a há na Ilha de S. Tiago prezentemente por cauza dos Estrangeiros que a tem tomado toda, não ha também caixas de madeira pera a condução dos mesmos produtos: a Rede que aqui acho a toda cheia de buracos, e per concequencia não pode servir pera nada pois podre está, participo isso a V.Ex<sup>a</sup> pera que eu não seja em todo o tempo culpado”<sup>11</sup>.

Da ilha Brava, após ter recolhido e organizado cem saquinhos de terras dife-

---

<sup>8</sup> Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 41, doc.33, de 24 de Abril de 1783.

<sup>9</sup> *Ibidem*.

<sup>10</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 41, doc.35, de 24 de Maio de 1783.

<sup>11</sup> *Ibidem*.

rentes, embrulhos de pedras, algumas conchas, uma garrafa com água de vinagre, um potesinho de sal das rochas, um herbário com mais de cinquenta ervas distintas e sementes, dois tabuleiros de borboletas,<sup>12</sup> o naturalista transferiu-se para a ilha do Fogo, onde aportou a 23 de Junho do mesmo ano de 1783.

Nesta ilha, as recolhas foram muito maiores e mais diversificadas. Além da ilha ser de dimensão geográfica superior à da Brava, a especificidade de ter um vulcão, embora inactivo na altura, aumentou logo à partida a variedade de registos pedológicos e mineralógicos a coligir. A par disto, o facto de a ilha do Fogo ter sido a segunda ilha a ser povoada, recuando a sua ocupação ao final do século XV, dotava-a, por um lado, de uma multiplicidade de espécies vegetais introduzidas muito superior à existente na Brava e, por outro, a postura de carácter mais aberta dos seus habitantes permitiu uma maior interacção entre o naturalista e os habitantes locais. Estes eram menos rudes que parte da população da ilha Brava e, satisfeitos de ver um homem do Reino interessado nas “riquezas naturais” da sua ilha, encaminharam-no na recollecção de uma grande variedade de espécies naturais e até de elementos de cunho mais etnológico, mas que serviam, igualmente, ao cumprimento dos objectivos subjacentes à missão de João da Silva Feijó. Da lista que este naturalista elaborou, no final de 1783, com produções naturais do Fogo, constavam: três caixões com muitos saquinhos de terras, algumas curiosas, produções do vulcão em quantidade, cascas de tartarugas, ninhos de pássaros com os seus ovos, algumas produções vegetais, um caixão de plantas em papeis e sementes, dois caixões de terra com plantas vivas, um caixão com um grande peixe de lixa cujos fígados deram 31 canadas de azeite e mais alguns peixes preparados, um caixão pequeno com peles de pássaros, duas cantimploras<sup>13</sup> de peixes, duas caixas com cinco tabuleiros cheios de borboletas, dois caixões com duas figuras em vulto grandes vestidas à maneira da terra, um caixão ou dois de animais abortivos em que entra um boi anão e um chibarro<sup>14</sup> de muitas unhas e uma anã mulata e outras curiosidades<sup>15</sup>. Estas recolhas, acrescidas às realizadas na ilha Brava, foram enviadas por João da Silva Feijó para Lisboa, no início de 1784, já a partir da ilha de Santiago numa galera da Sociedade de Exploração da Urzela<sup>16</sup>, informando Feijó de que “Finalmente esta he a primeira remessa que eu

---

<sup>12</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 41, doc. 57, 21 de Novembro de 1783.

<sup>13</sup> Cantimplora ou catimplora é um vaso metálico, como garrafa ou bilha, para esfriar e transportar líquidos. MORAIS SILVA, A. de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1950), 10ª edição, Lisboa, Ed. Confluência, vol. II, p. 856.

<sup>14</sup> Espécie de bode novo castrado, *Idem*, *Ibidem* (1951), vol.III, p. 56.

<sup>15</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 41, doc. 57, de 21 de Novembro de 1783.

<sup>16</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de Fevereiro de 1784.

tenho a honra de fazer a V.Ex<sup>a</sup>. das duas Ilhas Brava e Fogo”<sup>17</sup>.

Após estas primeiras missões científicas realizadas nas ilhas Brava e Fogo, o Naturalista elucidou o Ministro Martinho de Melo e Castro das dificuldades que sentia e que o impediam de realizar de forma mais eficaz e mais célere o seu trabalho. Em primeiro lugar, a falta de materiais e meios de conservação adequados – como a aguardente – para acondicionar as espécies vegetais e os animais recolhidas – “vão mais alguns peixes, que mais hirião se me tivessem dado a agoardente necessaria pera cuja falta se perderão duas catimploras delles”<sup>18</sup>; segundo, a privação de livros especializados por onde pudesse conferir certas informações, nomeadamente a nível da botânica e, por último, a falta de um ajudante especializado que lhe desse apoio: “A maior aflição que tenho he o ver me só sem ter quem me ajude no laborioso Exercício em que me acho, se eu tivesse um homem pera a preparação dos passaros e peixes e outro que copiasse as plantas, seguro a V.Exa. faria belissimas remessas, porem sou eu só e de risco e pintura, e de preparação não sei”<sup>19</sup>. Esta falta de pessoal que o auxiliasse nos seus trabalhos foi um assunto recorrente nas cartas do Naturalista, como se vê, por exemplo, na missiva enviada, cerca de dois anos depois, com a Relação dos Produtos Naturais da Ilha do Fogo: “As relasoens dos productos destes 7 caixoens vão encluidas nas dos outros por não haver tempo não tive lugar pera as copias e a acompanhar esta, o que V.Ex<sup>a</sup> me desculpara atendendo Illmo. Senhor a grande lida que eu só tenho sobre mim sem ajuda de outrem”<sup>20</sup>.

De acordo com as linhas ideológicas da época, confirmadas quer por muito do que é possível apreender nas entrelinhas das missivas enviadas de Cabo Verde para Lisboa, quer mesmo explicitamente aclarado pelas palavras de João da Silva Feijó, um dos móbéis destas missões dos Naturalistas era a procura de elementos que permitissem encontrar nas ilhas riquezas passíveis de serem exploradas e que contribuíssem para um aumento dos rendimentos locais e consequentemente dos do Reino. Confirma-o com clareza uma breve alusão ao assunto, por parte de Feijó, na carta que enquadrava a sua primeira grande remessa para Lisboa: “Entre os mesmos 13 vollumes vai hu que he a mostra do peixe preparado a maneira de Bacalhao, cuja pescaria me recomendou V. Ex<sup>a</sup>. visse eu se podia estabelecer nestas Ilhas, na verdade he uma das coisas que não só podem aumentar estas decadentes ilhas, pera a grande abundancia que ha de peixe”<sup>21</sup>.

---

<sup>17</sup> *Ibidem*.

<sup>18</sup> *Ibidem*.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 63, de 17 de Agosto de 1786.

<sup>21</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de Fevereiro de 1784.



Após sofrer um tremendo ataque da já referida “doença da terra”<sup>22</sup>, Feijó enviou de Santiago para Lisboa, em Abril de 1784, um casal de uma espécie de falcões que ele considerava especiais e dignos de nota quanto ao seu modo de caçar<sup>23</sup>. Ainda debilitado e em fase de convalescença, o Naturalista partiu para as ilhas do Barlavento, para a de São Nicolau e para a de Santo Antão, com o objectivo de prosseguir as suas recolhas científicas e posteriores remessas para o Reino. Embora com queixas de saúde, no espaço de um mês, João da Silva Feijó colheu, organizou e preparou o envio de cinco caixas de pedras e terras, três de peixes, uma de plantas, uma de produções do mar e um barril de peixes conservados em aguardente. Na sua missiva enviada de São Nicolau para Martinho de Melo e Castro, a 30 de Maio de 1783, relatava o seguinte: “Participo a V.Exa. que aqui cheguei a esta Ilha e logo dei prencípio à recolha de suas produsoens: acho me summamente encomodado das sezoens e hua fortissima e impertinentissima obstrução do baso não me deixa fazer coisa algua, porem assim mesmo não perco hum só instante de procurar servir com zello e agradar a V.Ex<sup>a</sup>. com o complemento das minhas obrigasoens. Remeto aos Aministradores Geraes 10 caixoens, e hua catimplora de Peixes em agoardente pera elles fazerem remeyer a V. Ex<sup>a</sup>.”<sup>24</sup>. Permanecendo todo o ano de 1784 e o seguinte nas ilhas do Barlavento, João da Silva Feijó prosseguiu os seus trabalhos, verificando-se, no entanto, alguns desentendimentos com as autoridades locais<sup>25</sup>.

Estas discórdias e mesmo ameaças de morte foram referenciadas pelo naturalista, logo após o falecimento do bispo, D. Francisco de São Simão, ocorrido em 10 de Agosto de 1783 no Tarrafal, que fora a autoridade local que, como já foi

---

<sup>22</sup> “Por esta participo a V. Ex<sup>a</sup> de como, por cauza de hum fortissimo ataque da doença da terra que me sobreveio há hum mez, não tenho continuado com a Real Expedição pelas Ilhas de Barlavento como era a minha intenção; estava a partir pera Sto Antam e derrepente sobreveio me hua tam grande febre que me obrigou ao 3º dia a confesarme, e disporme a deixar esta vida; durou 7 dias depois a forsa de remédios foise diminuindo deixando me na maior dibilidade que não posso explicar com hum insoportavel fastio que ainda me acompanha: passados 5 dias tornei a decahir com hua grande sezão de 48 oras, as quais não me tem deixado athe aqui, dando me só de intervalo 6 horas por consequência aqui me acho nas cazas da Companhia prostrado em hua cama quase ao desamparo sem ter quem me administre os remédios nem cuide de mim”. AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 13 de 4 de Abril de 1784.

<sup>23</sup> “...estes chamão se Asoutadores, seo modo de casar he celebre, logo que vem a casa feixão as azas deixão se cahir com toda a forsa sobre ella de sorte que se a não matam poena de sorte que fica ferida e atordoada, logo tornão a subir ao ar e de lá tornão a deser a vir boscar a casa nas unhas”. *Ibidem*.

<sup>24</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 53 A, de 11 de Agosto de 1786.

<sup>25</sup> PEREIRA, Magnus Roberto Mello (2002), “Um jovem naturalista num ninho de cobras, a trajectória de João da Silva Feijó em Cabo Verde no final do século XVIII”, *História. Questões e Debates*, n.º 36, pp. 29-60.

referido, enquadrara a sua chegada às ilhas, desconfiando Feijó que fora assassinado pelos homens poderosos da ilha<sup>26</sup>.

Efectivamente, tanto ele como muitos dos seus companheiros naturalistas dispersos por vários pontos do Império português encontraram resistências às suas actividades por parte de muitos dos oficiais régios aí estabelecidos, como é visível neste excerto de uma das cartas de Feijó: “Não sei que mal tenho feito a este Senhor que aqui governa que não faz mais que me ultrajar sem eu dar couza a isto diz que se ha de vingar de mim per eu mandar dizer a V.Exa que ele era dispotico nesta Ilha; fiz lhe hum requerimento obrigado pela necessidade pera que me mandasse satisfazer o meu ordenado vensido, respondeo verbalmente que V.Exa. não governava na Fazenda Real e que não tinha ordem nem Aviso algum de Sua Magestade pera isso”<sup>27</sup>. Muitos dos membros do oficialato local tinham dificuldade em compreender os objectivos das missões destes homens da ciência: capacitarem-se que havia funcionários do governo de Lisboa que eram enviados para estes espaços geográficos para se ocuparem somente na observação, recolha e anotação de informações sobre plantas, conchas, pedras, terras, animais em geral, e de insectos e borboletas em particular, recebendo um pagamento por tal serviço, era algo considerado por muitos como quase que um ultraje; suspeitavam que tais missões deviam, provavelmente, obedecer a propósitos nebulosos ou mesmo obscuros, envolvendo intuítos de “espionagem” encapotada com o fito de vigiarem as actividades dos oficiais locais. Ora, estes homens poderosos estabelecidos nos vários pontos do Império, não podendo deferir o seu desagrado contra as decisões tomadas pelos Ministros do Reino, faziam recair o seu descontentamento pela presença dos naturalistas sobre os próprios homens de ciência. Estes sentiam a rudeza e a displicência pelo seu trabalho, sendo alvo de injúrias, de críticas e da desaprovação pelos seus comportamentos. Não admira, portanto, que, por exemplo, o ouvidor das ilhas José Ferreira da Silva se referisse a João da Silva Feijó da seguinte forma: “Ainda não vi ao Naturalista, dizem-me que presentemente se acha na Ilha de São Nicolao e que aly tem feito algumas dezordens, na do Fogo parece que ainda forão maiores”<sup>28</sup>.

Não se sabe exactamente quais os ecos que estas notícias e reparos quanto ao comportamento de Feijó tiveram em Lisboa junto do Ministro Melo e Castro e do coordenador das expedições dos Naturalistas, Júlio Mattiazzi. Há, contudo, notícias relativas à insatisfação destes dois dirigentes, um político e outro cientista,

---

<sup>26</sup> Carta de João da Silva Feijó para Júlio Mattiazzi, de 16 de Fevereiro de 1784. Arquivo Histórico Museu do Bocage, CN/F – 5.

<sup>27</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc.13, de 4 de Abril de 1784.

<sup>28</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc.28, de 29 de Junho de 1784.

quanto aos envios realizados por Feijó a partir das ilhas de Cabo Verde: a pobreza do material enviado e a falta de um acondicionamento eficaz das remessas eram as principais queixas mencionadas quanto á actuação de João da Silva. No entanto, importa questionar quais as reais condições em que este Naturalista trabalhou: perante a pobreza das produções naturais existentes passíveis de serem recolhidas em Cabo Verde, as dificuldades em se socorrer de métodos de conservação minimamente satisfatórios, de dispor de formas de os embalar convenientemente e de encontrar transporte para os fazer chegar ao Reino num espaço de tempo razoável, poderia Feijó ter tido uma actuação mais eficaz? Para quem conhece o arquipélago e as condições em que nele se vivia no final do século XVIII, não parece minimamente viável que Feijó realizasse um trabalho melhor do que aquele que efectuou.

Esta problemática leva a questionar que classe de iluministas existia realmente em Portugal; que “iluminados” eram estes que tinham dificuldade em compreender que as ilhas de Cabo Verde dificilmente poderiam fornecer produções naturais de grande riqueza e que, ao mesmo tempo, numas ilhas tão afastadas, nesta época, das rotas de circulação mercantis do Atlântico seria difícil obter os materiais necessários a uma boa conservação dos envios científicos, bem como aceder a embarcações que aí aportassem, e, entre os que aí paravam encontrar mestres dispostos a carregar nos seus navios materiais considerados por estes sem qualquer utilidade económica nem prática.

Mesmo no meio destas adversidades, Feijó tentou continuar a prosseguir os seus objectivos de cientista. E, por coincidência do destino, ocorreu, no ano de 1785, em Janeiro, uma fortíssima erupção do vulcão da ilha do Fogo. Apesar de se encontrar nas ilhas do norte do arquipélago, o Naturalista regressou às ilhas do Sotavento, logo que lhe foi possível, após ter encontrado um navio que efectuasse o seu transporte entre as ilhas do Barlavento e as do Sotavento.

Contudo, primeiro por indicação expressa de Júlio Mattiazi, João da Silva foi obrigado a realizar uma curta passagem na ilha Brava, para conferir e reanalisar o salitre que já tinha recolhido anteriormente, mas a que, segundo opinião dos seus superiores em Lisboa, não dera a atenção devida, dado que nem enviara amostras suficientes passíveis de serem analisadas no Reino, nem apresentara conclusões concretas nem “cientificamente” provadas sobre a existência de jazidas economicamente aproveitáveis. Assim, depois de uma segunda verificação da qualidade e do valor deste minério, Feijó concluiu que não via viabilidade suficiente na exploração dos filões existentes na ilha Brava, conforme ficou registado nas palavras do próprio Naturalista: “Pella mesma Gallera fis siente a V.Exa. da quimerica ideia que se tem feito sobre o imaginario salitre da ilha Brava: fui aquela Ilha positivamente pera cumprir com as determinasoens de V. Ex<sup>a</sup>. Donde

não pude obter mais do que a pequena quantide (sic) que nesta ocasião remeto: eu já fiz ver a V.Ex<sup>a</sup>. que em primeiro lugar o que chamavão de salitre naquella Ilha não o era, nem podia ser pelas rezões chimicas que aleguei como tão bem ainda que fosse hum verdadeiro salitre não era coiza de concequencia pela pouquíssima quantidade que se acha como efflorescencia na mais perigosa roxa daquela Ilha”<sup>29</sup>.

Depois de cumprida mais esta missão de análise mineralógica, João da Silva Feijó estabeleceu-se, então, na ilha do Fogo para se debruçar demoradamente sobre o estudo das produções naturais decorrentes do acidente vulcânico ocorrido em 1785. Visitou as imediações da cratera do vulcão por três vezes, recolheu amostras, organizou-as a fim de as remeter para Lisboa, redigiu uma *Memória sobre a nova irrupção vulcânica do Pico da Ilha do Fogo* onde enumerou todas as diferentes produções que se espalharam e formaram depois da erupção à qual acrescentou duas estampas desenhadas pela sua própria mão apresentando graficamente registos científicos da erupção<sup>30</sup>. Tendo terminado tudo em Agosto de 1786, remeteu para Lisboa, para o Real Gabinete, além de uma relação de vinte e uma páginas dos produtos naturais da ilha do Fogo, uma barrica com diferentes peixes em aguardente, uma caixa de folha da Flandres com três tabuleiros de borboletas recolhidas na ilha de Santiago e outra com as amostras das produções da erupção vulcânica da ilha do Fogo com suas relações e a referida Memória; noutro navio enviou mais oito caixões com as amostras minerais recolhidas perto do vulcão e as da ilha Brava, tudo acompanhado com as suas respectivas relações<sup>31</sup>. João Feijó informava, igualmente, Martinho de Melo e Castro que “Presentemente fico nesta ilha /do Fogo/, afim de formar nestas agoas, o novo herbário, e outra collecção de sementes e borboletas ... por ser este o tempo próprio para isso e logo que isto for concluído devo passar a S. Nicolao e Sto Antam pera recolher e fazer remeter os lagartos e peixes que me forem possíveis, com o mais que for da minha obrigação”<sup>32</sup>.

Este sentido de cumprir com os seus deveres encontra-se plasmado em diversas missivas de João da Silva Feijó, que, apesar de se sentir incomodado com a pressão que sobre ele faziam os seus responsáveis em Lisboa, reafirma sempre o seu intento de cumprir com o maior desvelo os propósitos da sua missão cientí-

---

<sup>29</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 63, de 17 de Agosto de 1786. O mesmo assunto é mencionado na Relação enviada a 11 de Agosto de 1786, inclusa na Caixa 43, doc. 53 A, de 11 de Agosto de 1793.

<sup>30</sup> AHU, CARTm- Cabo Verde, doc. 1323/24.

<sup>31</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 53 A e doc. 62, ambos de 11 de Agosto de 1786.

<sup>32</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 63, de 17 de Agosto de 1786.

fica: “Deos permita, Illmo. Senhor que todo este meo trabalho seja do agrado de V.Ex<sup>a</sup>. pois só devo assegurar a V.Ex<sup>a</sup>. que busco por cumprir com o meo dever conforme as minhas forsas. Sobretudo V.Ex<sup>a</sup>. me ordene o que for de seu serviso pera conhecer no complemento das minhas obrigasoens”<sup>33</sup>.

Sabe-se que, efectivamente, depois de terminar mais esta recolha na ilha do Fogo, o Naturalista embarcou novamente para as ilhas do Barlavento, onde permaneceu no final de 1788. O apoio e compreensão do novo governador, António Machado de Faria e Maia, transparece numa carta escrita por este oficial superior de Cabo Verde em que ao mesmo tempo que enviava para Lisboa um barril de pássaros recolhidos por Feijó e uma garrafa de água de vinagre, que todos achavam de gosto semelhante às águas de Zelt, elogiava os trabalhos do cientista da seguinte forma: “O Naturalista tem feito hua boa collecção de Peixes que devia trazer em sua companhia quando viesse das Ilhas do Barlavento”<sup>34</sup>, o que não se verificava por falta de embarcações que viessem daquelas ilhas do Norte do arquipélago para a ilha de Santiago. Para facilitar os trabalhos de Feijó, o governador pedia, inclusivamente, para que de Lisboa fossem enviados materiais para serem utilizados na conservação e envio das remessas científicas, como, por exemplo, caixas de folhas da Flandres com tabuleiros, alfinetes, alcanforou (ou seja, cânfora), papel de marca para a colecção das plantas e barris com alçapão<sup>35</sup>. Importa salientar que este governador, António Machado de Faria e Maia, bem como o seguinte, Francisco Teixeira Carneiro, eram homens muito interessados nestes trabalhos de índole naturalista e, ao invés de outros oficiais régios locais, procuraram sempre apoiar e elogiar as actividades do Naturalista Real nestas ilhas.

Embora se desconheça a data exacta do regresso de João da Silva Feijó das ilhas do Barlavento à ilha de Santiago, sabe-se que em Fevereiro de 1789 Feijó já estava na principal ilha do arquipélago, dado que desenvolveu experiências sobre a conservação do peixe, de que resultou um pequeno ensaio intitulado *Relação da Factura do Peixe Seco que por ordem de Vossa Senhoria foi fazer ao Porteleite João da Silva Feijó Naturalista Real nestas Ilhas*<sup>36</sup>; nesse mesmo ano, esteve também, outra vez, na ilha de Santo Antão, onde a Coroa tinha instalações para a exploração experimental do anil, tendo escrito a sua *Memória sobre a Fábrica do Anil da Ilha de Santo Antão*.

Quanto à *Relação da Factura do Peixe Seco*, é possível saber que Feijó

---

<sup>33</sup> *Ibidem*.

<sup>34</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 44, doc. 55, de 2 de Maio de 1788.

<sup>35</sup> *Ibidem*.

<sup>36</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 45, doc. 7 ou 8, de 7 de Março de 1789. Estes dois documentos são iguais diferindo apenas na forma de apresentação.

esteve no Portetele — local que distava cerca de uma légua da vila da Praia — a mando do Governador António Machado Faria e Maia, uma vez que o próprio oficial superior também tinha interesse no conhecimento e exploração da fauna piscícola das ilhas e que o individuo enviado do Reino para executar tal missão não o fizera<sup>37</sup>. O Naturalista permaneceu no Portetele de 3 a 9 de Fevereiro de 1789 e embora este porto não fosse dos mais abundantes em peixes permitiu a recolha de 85 bicudas, 32 bicas e 26 badejos; esta acção de índole económico-científica foi sintetizada pelo referido Governador da seguinte forma: “Alli se de morou o Naturalista poucos dias, porque se offereceo oportunidade de o mandar a Ilha de Sam Nicolau tentar a mesma obra: com tudo, em tão poucos dias como V. Ex<sup>a</sup> verá no seu jornal n.º1 e a pesar de ventos furiozos, de ter pouca gente de trabalho e hua muito piquena canoa, sempre preparou 223 toneladas de peixe que eu acho de excellente qualidade e tem sido approvada por alguns Americanos”<sup>38</sup>. Entendia ainda este governante que este peixe se poderia aproveitar para aprovisionar navios de guerra o que, juntamente com a significativa quantidade de carne que era possível reunir nas ilhas procedente do gado aí existente, permitiria uma solução eficaz e não muito dispendiosa para suprir as necessidades de abastecimento das armadas em circulação no Atlântico.

Ainda em Abril de 1790 há menção a uma tentativa de envio de mais uma remessa científica que não chegou a ser embarcada por não ser considerada carga prioritária pelo mestre da embarcação: “Querendo fazer embarcar na prezente chapula os volumes da Expediçam que me entregou o Naturalista, contudo participo a V.Ex<sup>a</sup> não me foi possível por me dizer o Mestre della que não tinha lugar a bordo para os receber”<sup>39</sup>. Deveria ser particularmente difícil trabalhar não só com a falta de condições existentes em Cabo Verde como com o próprio desinteresse de quem poderia fazer chegar ao Reino os resultados dos seus estudos. Havia uma indiscutível indiferença por estas recolhas, consideradas por muitos como actividades diletantes e sem qualquer utilidade, não trazendo qualquer proveito ou lucro. Todas as outras mercadorias tinham primazia no embarque para Lisboa. Plantas, terras, pedras, peixes em aguardente ou insectos em tabuleiros eram para muitos simples curiosidades, não entendendo muitos de que forma estes despachos poderiam contribuir para um avanço dos conhecimentos do mundo natural e conseqüentemente, conduzir a uma mudança na vida dos homens a médio e longo prazo.

Não admira, pois, que nesse mesmo ano de 1790, já novamente estabele-

---

<sup>37</sup> *Ibidem.*

<sup>38</sup> *Ibidem.*

<sup>39</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 11, de 25 de Abril de 1790.

cido em Santiago, João da Silva Feijó pedisse para regressar a Lisboa, dando por concluída a sua missão naturalista: “A triste situação em que me contemplo depois de sete anos de trabalhos e desgostos em hum país tão terrível como é este pera onde foi V. Ex<sup>a</sup>. servido mandar-me, me obriga novamente a ser importuno na presença de V.Ex<sup>a</sup>. rogando lhe se digne por comiseração lembrar se de mim e fazer que eu seja removido per outra qualquer parte onde possa dar provas do que desejo agradar a V.Ex<sup>a</sup>, até porque não haver pera estas ilhas mais coiza alguma digna de atenção dando me per concluídas as minhas observações”<sup>40</sup>. Carta esta em tudo semelhante a uma já remetida cerca de 6 anos antes, logo em Fevereiro de 1784, cerca de um ano após a chegada de Feijó a Cabo Verde e após o envio das primeiras remessas procedentes da Brava e do Fogo: “Por ultimo permita me V Ex<sup>a</sup> a licença de lhe pedir que se digne conceder me a faculdade de para o anno próximo chegar athe essa Cidade afim de se me restabelleso a minha saúde que a tenho toda perdida como posso expressar a V. Ex<sup>a</sup>. Segurando a V.Ex<sup>a</sup> de tornar a voltar logo na primeira ocazião que pera cá se offerecer.”<sup>41</sup>

Tendo solicitado insistentemente para regressar ao Reino, como tendo supplicado que se lembrassem dele e o livrassem das agruras daquela terra, nem os pedidos das autoridades locais conseguiram um rápido retorno a Portugal. A este propósito, veja-se o teor da carta enviada a Martinho de Melo e Castro pelo governador Francisco José Teixeira Carneiro, em 1793, que não surtiu qualquer efeito, dado que depois da redacção desta carta João Feijó ainda ficou em Cabo Verde mais quatro anos: “Este pobre Naturalista que já se acha aqui a dez pera onze annos se tem comportado em todo o tempo de meu governo digno de que C. Ex<sup>a</sup> o attenda e o felicite. V. Ex<sup>a</sup> pelos estímulos de humanidade de que he ditado queira lembra-se da sua infeliz situação attendendo a seus rogativos”<sup>42</sup>.

### 3. ORGANIZAÇÃO DAS RECOLHAS E REMESSAS CIENTÍFICAS DE JOÃO DA SILVA FEIJÓ NAS ILHAS DE CABO VERDE

Uma vez analisada grande parte das informações contidas nas cartas existentes sobre a estada de João da Silva Feijó nas ilhas de Cabo Verde, pode-se organizar a circulação pessoal e a actividade científica deste Naturalista bem como as remessas por ele enviadas para Lisboa de acordo com as seguintes datas:

Fevereiro de 1783 - Chegada às ilhas de Cabo Verde;

Maior de 1783 - Expedição científica e recolha de produções na ilha Brava;

---

<sup>40</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 5, de 24 de Janeiro de 1790.

<sup>41</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de Fevereiro de 1784.

<sup>42</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 11, de 3 de Setembro de 1793.

Maio - Dezembro de 1783 - Expedição científica e recolha de produções na ilha do Fogo;

Fevereiro de 1784 - Envio das remessas recolhidas nas expedições científicas das ilhas Brava e do Fogo;

Abril de 1784 - Envio de animais vivos da ilha de Santiago;

Abril e Maio de 1784 - Expedição científica e recolhas de produções na ilha de São Nicolau;

Maio de 1784 - Envio das remessas recolhidas na expedição científica da ilha de São Nicolau;

Janeiro de 1785 – Erupção do vulcão da ilha do Fogo;

Primavera/ Verão de 1786 – Novas expedições e recolhas científicas na ilha Brava e na do Fogo;

Agosto 1786 - Envio das remessas recolhidas nas expedições científicas das ilhas Brava e do Fogo, enviadas na Galera *A Farinheira* e na Curveta *São Francisco de Paula*, onde se incluíam, respectivamente, um barril com peixes, pássaros e outros animais, uma caixa de folha com um herbário da mesma ilha e amostras das produções vulcânicas da erupção de 1785 e 7 caixões com amostras das produções naturais das duas ilhas<sup>43</sup>;

Agosto - Dezembro 1786 – Nova recolha de espécies na ilha do Fogo e envio das respectivas remessas;

1787 - Remessa realizada a partir da ilha de Santiago em que se enviavam um barril com peixes e pássaros, uma caixa com insectos, uma caixa com tabuleiros com borboletas, outra caixa grande com um herbário de plantas e sementes de Santiago e mais quatro frascos com musgos marinhos e animais em aguardente<sup>44</sup>;

Junho de 1788 – Remessa realizada a partir da ilha Santiago, enviada no bergantim *São João Baptista*, composta por um barril de peixes em aguardente e outro com peixes e lagartos das ilhas desertas também conservados em aguardente<sup>45</sup>;

1789 – Remessa feita a bordo de uma escuna da ilha da Boavista de um barril de peixes em aguardente e 2 caixas que tinham tabuleiros com insectos; no mesmo ano estava outra pronta para ser enviada, de composição semelhante a que acrescia mais um barril de pássaros também conservados no mesmo líquido<sup>46</sup>.

A partir de 1790, Feijó deixou de lado a sua actividade de “naturalista no terreno” e começou a ocupar cargos do oficialato régio, como forma de assegu-

---

<sup>43</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 46, doc.1, de 14 de Janeiro de 1790.

<sup>44</sup> *Ibidem*.

<sup>45</sup> *Ibidem*.

<sup>46</sup> *Ibidem*.



rar a sua subsistência económica e de dominar um pouco os meandros políticos e sociais das ilhas de Cabo Verde<sup>47</sup>. Embora esta seja uma faceta da actividade de Feijó que não se pretende explorar neste estudo, importa mencionar que este Naturalista desempenhou, entre outros, o cargo de juiz dos órfãos, no exercício do qual se envolveu em algumas tramóias e desvios de bens em conluio com o coronel João Freire de Andrade<sup>48</sup>; para além deste ofício, foi igualmente sargento-mor de uma companhia de ordenanças, tendo sido, posteriormente, promovido ao posto de sargento-mor da Ribeira Grande<sup>49</sup>.

Ao mesmo tempo, supõe-se que se dedicou à organização por escrito das suas recolhas, publicadas mais tarde sob a forma de *Memórias*. Quanto ao despacho de recolhas de espécies científicas, após 1790, apenas em Setembro de 1793 se registou mais uma tentativa de um envio de produções naturais da Ilha para o Real Museu da Ajuda. Este compunha-se de um caixote com uma árvore de madrepora<sup>50</sup> vermelha, diversas conchas e três espécies de gorgoneas<sup>51</sup>, mais um casal de cabras anãs nascidas na Boavista e uma gazela da costa do Senegal<sup>52</sup>; contudo, este despacho não chegou a efectuar-se. Foi o corte definitivo entre Feijó naturalista em actuação no espaço de Cabo Verde e Feijó o oficial local fazendo por sobreviver em terras tropicais tão votadas ao abandono por parte das autoridades do Reino.

A conjugação de todas estas informações permite dividir em dois períodos, de cerca de sete anos cada um, a estada de João da Silva Feijó nas ilhas de Cabo Verde.

A primeira, entre finais de 1783 e finais de 1789, como “naturalista no terreno” caracterizada pela observação, análise, recolha, organização, conservação e envios regulares de materiais científicos de Cabo Verde para Lisboa. Daí que no final de 1789 lhe tenham sido feitas as contas dos seus ordenados relativos a oito anos de trabalho – de Janeiro de 1783 a Dezembro de 1789 – que montavam a 2.800.000 reis, correspondendo a 400 mil reis anuais, 1.800.000 reais de comedorias e outras despesas. Ascendiam, igualmente, as despesas com materiais para as remessas científicas feitas durante o seu exercício a 319.575 reis, entendendo o governador António Machado Faria e Maia que Feijó nunca fizera gastos exces-

---

<sup>47</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 82, de 5 de Dezembro de 1795 e 89 (vários documentos datados de 1795).

<sup>48</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, docs. 89, 14 de Dezembro 1795.

<sup>49</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 24.

<sup>50</sup> Madrepora é a designação comum a diversos corais-pétreos, importantes formadores de recifes de coral dos mares tropicais, in *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, (2007), Lisboa, Circulo dos Leitores, tomo XII, pp.5174-5715.

<sup>51</sup> Gorgónia designação comum aos cnidários gorgonáceos do género *gorgónia*, conhecidos como leques do mar in *Ibidem*, tomo X, p. 4215.

<sup>52</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc.11, de 20 de Setembro de 1793.

sivos, bem pelo contrário fora muito cauteloso nas despesas realizadas, auxiliado pelo zelo do próprio governador: “Parece me que se não pode ter feito com mais economia e exacção; tendo eu pessoalmente zelado quanto he possível procurando os meios mais proporcionados pera diminuir as despezas desta Expedição”<sup>53</sup>.

O segundo período de permanência de Feijó nas ilhas, ocorrido entre 1790 e 1797, pautou-se por uma época dedicada à organização das suas notas, começando a esboçar os seus primeiros escritos que viriam a dar origem às várias *Memórias* que editou mais tarde. Uma fase que se pode designar de acção de “naturalista de gabinete mas no terreno da recolha”, e em que, ao mesmo tempo, Feijó se integrou na sociedade local, exercendo cargos oficiais, como já se mencionou, encontrando formas de fazer face à situação de “semi-esquecimento” a que fora votado, pelo seu mestre e pelo ministro Melo e Castro.

Finalmente, regressou a Lisboa em 1797, voltando ao contacto com alguns dos seus antigos companheiros, nomeadamente Alexandre Rodrigues Ferreira; dedicou-se a organizar no Real Museu da Ajuda um herbário com as espécies, ainda minimamente conservadas, que enviara das ilhas de Cabo Verde na década de 1780<sup>54</sup>.

Depois da passagem por Lisboa, acima referida, Feijó regressou ao Brasil, sua terra de berço. Aí, em jornais literários como *O Patriota*<sup>55</sup>, e em Lisboa, nas *Memórias da Real Academia das Ciências* publicou algumas das Memórias e Ensaios Filosóficos e Económicos sobre as Ilhas de Cabo Verde, sobre os seus habitantes, sobre as suas produções, sobre a urzela, sobre a fábrica do anil de Santo Antão. Nunca Feijó votou ao abandono os registos da sua estada nas ilhas de Cabo Verde. Procurou mesmo dar-lhes visibilidade como se pode avaliar pela lista de publicações abaixo enumeradas.

- “Ensaio político sobre as ilhas de Cabo Verde para servir de plano à história filosófica das mesmas – 1797”<sup>56</sup>;

---

<sup>53</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 46, doc.1, de 14 de Janeiro de 1790.

<sup>54</sup> Segundo se sabe, o naturalista alemão Heinrich-Fredrich Link, que esteve em Portugal entre 1797 e 1799, examinou o dito herbário e elogiou-o. “A Ilustração em Portugal e no Brasil. Cientistas & Viajantes”. <[http://www.cedope.ufpr.br/joao\\_feijo.htm](http://www.cedope.ufpr.br/joao_feijo.htm)>.

<sup>55</sup> Em Lima, no Perú, existia uma publicação similar a esta que denominada O Mercúrio, onde também se publicavam textos de índole científica similar às editadas por João da Silva Feijó. Veja-se o trabalho apresentado por Marguerita Rodríguez García “A imprensa setecentista limenha e o debate sobre o iluminismo na América hispânica”, in *Actas do Colóquio Internacional O Atlântico Revolucionário. Circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime*.

<sup>56</sup> Publicado no Jornal Literário *O Patriota*, Rio de Janeiro, tomo III, n.º 5, Novembro de 1813, e in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815 e também publicado por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp. 1-26.

- *Itinerário Filosófico que contem a rellacção das Ilhas de Cabo Verde disposto pelo methodo epistolar dirigidas ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Martinho de Melo e Castro Pelo Naturalista Régio das mesmas Ilhas João da Sylva Feijó, 1783*<sup>57</sup>,

- “Memória tirada do Ensaio Filosófico e Político sobre as Ilhas de Cabo Verde” (acrescento do texto anterior com os capítulos sobre “Do número e configuração das ilhas”, “Da grandeza e altura das suas montanhas”, “Do clima, ventos e etc”, “Das produções” “Dos vegetais”, “Dos minerais”, “Dos animais”)<sup>58</sup>;

- “Memória sobre Urzela de Cabo Verde”<sup>59</sup>;

- “Memória sobre a Fábrica Real do Anil da Ilha de Santo Antão”<sup>60</sup>;

- “Memória sobre a última erupção do pico da Ilha do Fogo de Cabo Verde”<sup>61</sup>;

- “Relação da Factura do Peixe Seco”<sup>62</sup>.

É de referir que, embora do primeiro grupo de Naturalistas enviado para as várias zonas do Império nos primeiros anos da década de 1780, Alexandre Rodrigues Ferreira tenha sido o único a ser admitido como membro da Real Academia das Ciências, João da Silva Feijó foi, por seu lado, o único a editar *Memórias* na publicação desta Academia.

Por último, importa questionar o que se fez realmente com tantos escritos e memórias filosóficas bem como com as remessas enviadas, neste caso, das ilhas de Cabo Verde para Lisboa. Pouco ou muito pouco para tanta informação... Quem lia estas informações, o que fazia efectivamente com elas? De tanto investimento resultou efectivamente o quê e para que fins? Estas são questões que

---

<sup>57</sup> Biblioteca Nacional de Lisboa, Reservados, Códice 12984, publicado fragmentariamente por GUEDES, M. E. e ARRUDA, Luís (2000), “João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde”, in *As Ilhas e o Brasil*, Região Autónoma da Madeira, pp. 515-523 e em vias de publicação na integra no âmbito do Projecto FCT *Conhecimento e reconhecimento em espaços de influência Portuguesa: registos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Sub-sariana e Insulíndia*.

<sup>58</sup> Manuscrito do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Secção Administração, Caixa n.º 721, Pacotilha n.º 2, doc. 57, publicado por CARREIRA, António (apresentação e comentários) (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp. 27-33.

<sup>59</sup> Publicado in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815, pp.145-154 e publicado por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986) *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp. 35-43.

<sup>60</sup> Publicado in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo I, 1815 e publicado por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, 1986, pp. 45-56.

<sup>61</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 62, de 11 de Agosto de 1786.

<sup>62</sup> AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 45, doc. 7, de 1789.

devem pairar e que importa actualmente esclarecer.

\* \* \*

Hoje é difícil, para não dizer impossível, conseguir localizar, identificar, observar e conhecer com exactidão as remessas científicas enviadas por João da Silva Feijó das ilhas de Cabo Verde para Lisboa. Por exemplo, sabe-se somente que parte do seu herbário foi incluído no de Saint-Hilaire, tendo sido levado, em 1808, para o Museu de História Natural de Paris, por ocasião das invasões francesas<sup>63</sup>. Contudo, a documentação que ficou nos Arquivos, nomeadamente no Arquivo Histórico Ultramarino e no Arquivo do Museu Bocage, bem como as informações que se extraem dos seus *Ensaios e Memórias* acima mencionadas, permitem conhecer em parte o espaço natural geográfico, populacional, hidrográfico, pedológico, mineralógico, botânico e zoológico de algumas das ilhas de Cabo Verde no final do século XVIII.

A flora, a fauna, os solos, os minerais e a própria população insular nunca, até então, tinham sido objecto de um levantamento e observação, registo e tentativa de interpretação sistemática de forma tão exaustiva como a que Feijó realizou. Apesar das lacunas, das imprecisões, da fraca qualidade das remessas e do mau acondicionamento das mesmas, referidas pelos mentores de Feijó em Portugal – Júlio Matiazzi e Martinho de Melo e Castro – jamais fora dado a conhecer no Reino toda esta panóplia de conhecimentos científicos acerca do espaço natural caboverdiano. As novas práticas iluministas adoptadas pelos dirigentes da época na Europa estenderam-se, neste caso concreto, à realidade das ilhas de Cabo Verde. Procurou-se, pela primeira vez, de forma considerada metódica na época em questão, encontrar produções que permitissem uma rentabilização das diferentes regiões do Império Português, e neste caso concreto nas ilhas de Cabo Verde.

Foi através do Atlântico que circularam as informações que contribuíram para que estas ilhas atlântico-tropicais e as suas produções naturais passassem a ser mais conhecidas em Portugal e que se verificasse uma incorporação no saber Setecentista de realidades científicas novas. Para já não mencionar apenas o levantamento mais ou menos metódico das espécies botânicas ou dos insectos e particularmente as borboletas, nunca até então haviam sido obtidas amostras de restos de lavas e de solos num período de tempo tão curto a seguir a uma erupção

---

<sup>63</sup> LIBERATO, Maria Cândida (1994) “Explorações botânicas nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa”, in *Garcia de Orta, Série Botânica*, 12 (1-2), pp. 15-38.

BRIGOLA, João Carlos (2011) “Geoffroy de Saint Hilaire e o Saque das Coleções e Museus em Lisboa (1808)”, in *O “Saque de Évora” no contexto da Guerra Peninsular. Memória, História e Património* (coordenação de Fernando Martins e Francisco Vaz), Capítulo 9. Lisboa, Colibri.

do vulcão da ilha do Fogo; da mesma forma, sabia-se que havia uma riquíssima variedade de fauna piscícola nesta região, mas esta jamais fora cuidadosamente estudada, do ponto de vista da sua potencial rentabilização para as receitas do arquipélago, bem como nunca se tentara explorar devidamente o anil, erva tintureira tão importante no processo tintureiro das manufacturas produzidas no arquipélago.

Algumas das amostras científicas perderam-se, outras chegaram em mau estado – o que não será de estranhar se se atender aos métodos de conservação da época e à falta de meios existentes em Cabo Verde, como se mencionou ao longo do texto – mas grande parte da informação escrita ficou e permaneceu até hoje disponível a todos que a queiram consultar. A acção de João da Silva Feijó foi indiscutivelmente significativa para um aumento do conhecimento científico sobre esta região, para uma acumulação de informações sobre estes espaços geográficos insulares, contribuindo para um acrescento do saber e uma nova forma de encarar a própria história atlântica.

No entanto, convém referir que esta expedição filosófico-naturalista não teve qualquer seguimento imediato de outras missões científicas semelhantes nem consequências efectivas relativamente às ilhas de Cabo Verde. Embora imbuído de uma doutrina ideológica iluminista, João da Silva Feijó não representou, de forma alguma, a “chegada” do Iluminismo a este espaço geográfico. Fez o que lhe foi possível dentro das condicionantes locais, contudo, a herança daqui decorrente foi pouco significativa, não por culpa própria, mas essencialmente porque para a diminuta classe de Iluministas estabelecidos em Portugal, e as ilhas de Cabo Verde eram indiscutivelmente um espaço marginal aos seus interesses dado que não dispunham nem de riquezas economicamente vantajosas de explorar, nem de elementos naturais que despertassem uma significativa curiosidade científica.

Contudo, não se pode ignorar que autores posteriores, quando fizeram as descrições do arquipélago de Cabo Verde, as missões científicas do século XIX quando partiram para este terreno insular, dispunham já de um *know-how* prévio da região, um ponto de partida comparativo para as suas novas observações, herdado do trabalho de João da Silva Feijó. Mais perto ou mais afastadas da realidade, as remessas científicas, as memórias escritas e ensaios económicos e filosóficos aumentaram, alteraram e enriqueceram o que anteriormente se sabia sobre as ilhas de Cabo Verde.

O papel do saber e a sua função nas sociedades europeias de Setecentos e de Oitocentos ficou mais firmado e ampliado com estas primeiras expedições científicas de cariz naturalista de que João da Silva Feijó se tornou uma figura incontornável quando se refere o espaço natural caboverdiano.

## BIBLIOGRAFIA CITADA

### Fontes Manuscritas

- AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 41, doc. 33, de 24 de Abril de 1783.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 41, doc. 35, de 24 de Maio de 1783.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 41, doc. 57, de 21 de Novembro de 1783.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 8, de 29 de Fevereiro de 1784.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 13, de 4 de Abril de 1784.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 42, doc. 28, de 29 de Junho de 1784.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 53 A, de 11 de Agosto de 1786.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 62, de 11 de Agosto de 1796.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 43, doc. 63, de 17 de Agosto de 1786.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 44, doc. 55, de 2 de Maio de 1788.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 45, doc. 7 ou 8, de 7 de Março de 1789.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 1, de 14 de Janeiro de 1790.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 5, de 24 de Janeiro de 1790.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 46, doc. 11, de 25 de Abril de 1790.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 11, de 3 de Setembro de 1793.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 11, de 20 de Setembro de 1793.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 24, ant. 18 de Janeiro de 1794.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 82, de 5 de Dezembro de 1795.  
AHU, *Avulsos de Cabo Verde*, Caixa 48, doc. 89, 1795.  
AHU, *CARTm- Cabo Verde*, doc.1323/24.  
Arquivo Histórico Museu do Bocage, CN/F – 5, Carta de João da Silva Feijó para Júlio Mattiazzi, de 16 de Fevereiro de 1784.

### Fontes Impressas

- “Ensaio político sobre as ilhas de Cabo Verde para servir de plano à história filosófica das mesmas – 1797”, publicado no Jornal Literário *O Patriota*, Rio de Janeiro, tomo III, n.º5, Novembro de 1813, e in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815 e também por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp.1-26.
- Itinerário Filosófico que contem a relacção das Ilhas de Cabo Verde disposto pelo methodo epistolar dirigidas ao Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Senhor Martinho de Melo*

- e Castro Pelo Naturalista Régio das mesmas Ilhas João da Sylva Feijó*, 1783<sup>64</sup>, BNL, Reservados, Códice, 12984 publicado fragmentariamente por GUEDES, M. E. e ARRUDA, Luís (2000), “João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde”, in *As Ilhas e o Brasil*, Região Autónoma da Madeira, pp. 515-523 e em vias de publicação na íntegra no âmbito do Projecto FCT *Conhecimento e reconhecimento em espaços de influência Portuguesa: registos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e Insulíndia*.
- “Memória tirada do Ensaio Filosófico e Político sobre as Ilhas de Cabo Verde” (acrescento do primeiro texto citado com os capítulos sobre “Do número e configuração das ilhas”, “Da grandeza e altura das suas montanhas”, “Do clima, ventos e etc”, “Das produções” “ Dos vegetais”, “Dos minerais”, “Dos animais”), manuscrito do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, Secção Administração, Caixa n.º 721, Pacotilha n.º 2, doc. 57, publicado por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp. 27-33.
  - “Memória sobre Urzela de Cabo Verde”, in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo V, 1815, pp. 145-154 e publicado por CARREIRA, António (apresentação e comentários), (1986), *Ensaio e Memórias Económicas sobre as Ilhas de Cabo Verde (século XVIII)*, Praia, Instituto Cabo Verdiano do Livro, pp. 35-43.
  - “Memória sobre a Fábrica Real do Anil da Ilha de Santo Antão”, in *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa*, tomo I, 1815.

## Dicionários

- *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, (2007), Lisboa, Círculo de Leitores, tomo X e XII.
- MORAIS SILVA, A. de, *Grande Dicionário da Língua Portuguesa* (1950-1951), 10ª edição, Lisboa, Ed. Confluência, vol. II e III.

---

<sup>64</sup> BNL, Reservados, Códice 12984, publicado fragmentariamente por GUEDES, M. E. e ARRUDA, Luís (2000), “João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde”, in *As Ilhas e o Brasil*, Região Autónoma da Madeira, pp. 515-523 e em vias de publicação na íntegra no âmbito do Projecto FCT *Conhecimento e reconhecimento em espaços de influência Portuguesa: registos, expedições científicas, saberes tradicionais e biodiversidade na África Subsariana e Insulíndia*. Agradeço à minha ex-orientanda, agora colega e amiga, Maria Teresa Neves, o apoio prestado na identificação de algumas das fontes que estiveram na base da elaboração deste estudo.

## Estudos

- DOMINGUES, Ângela (2006), “Circulação de informação científica no Império em finais de Setecentos”, in *O Domínio da Distância* (coordenação de Maria Emília Madeira Santos e Manuel Lobato), Lisboa, IICT, pp. 71-75.
- “A Ilustração em Portugal e no Brasil. Cientistas & Viajantes” <[http://www.cedope.ufpr.br/joao\\_feijo.htm](http://www.cedope.ufpr.br/joao_feijo.htm)>.
- GUEDES, Maria Estela e ARRUDA, Luís (2000), “João da Silva Feijó, naturalista brasileiro em Cabo Verde”, in *As Ilhas e o Brasil*, Região Autónoma da Madeira, pp. 509-523.
- *História Geral de Cabo Verde* (1991-2002), (direcção do I volume ALBUQUERQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília Madeira Santos, direcção dos II e III volumes SANTOS, Maria Emília Madeira Santos) 3 vols. Lisboa, IICT.
- LIBERATO, Maria Cândida (1994) “Explorações botânicas nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa”, in *Garcia de Orta*, Série Botânica, 12 (1-2), pp. 15-38.
- *Nova História da Expansão Portuguesa – A Colonização Atlântica*, (coord. de MATOS, A.T. de), 2005, Lisboa, Editorial Estampa, volume III, tomo 2.
- PEREIRA, Magnus Roberto Mello (2002), “Um jovem naturalista num ninho de cobras, a trajectória de João da Silva Feijó em Cabo Verde no final do século XVIII”, in *História. Questões e Debates*, n.º 36, pp. 29-60.
- SANTOS, Maria Emília Madeira e CABRAL, Iva (2006), “O primeiro centro urbano colonial nos Trópicos: Ribeira Grande (Cabo Verde), séculos XV-XVII”, *Anais de História de Além-Mar*, Lisboa, vol. VII, pp.55-64.
- SENNA BARCELLOS, C.J. (1899-1905), *Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné*, Partes I-VI, Lisboa, Academia Real das Ciências.
- TORRÃO, Maria Manuel e SOARES, Maria João (2008) “Ervas e Curandeiras. Remédios e Boticários. Formas de Curar em Cabo Verde (sécs. XVIII- início do XIX)”, Actas do Workshop *Plantas Mediciniais e Práticas Fitoterapêuticas nos Trópicos*, ed. ROQUE, Ana Cristina, HAVIK, Philip, TORRÃO, Maria Manuel, Lisboa, IICT, ISBN 978-972.672-982-2. Disponível também em <<http://www2.iict.pt/?idc=15&idi=14082>>.